



ASSINATURAS: C\$ 350,00 ANO XX ANO INTRINSECO \$50,00 PUBLICAÇÃO: C\$ 350,00 LINHA REPETIÇÃO \$20,00
Pinhal, 25 de setembro de 1949
Anúncio: C\$ 2,00 por col. de col. Administração e Officinas: Praça Moreira Cesar, 105—Tel. 3-6-1
NUM. 877

No ano do centenário...

Estamos nos aproximando, cada vez mais, do grande dia da cidade: o 27 de dezembro de 1949. A data vem à mais alegre, que nunca e, positivamente, pouco restando para a sua merecida glorificação. As cerimônias comemorativas que se iniciaram a 28 de agosto foram de um relevo especial nas páginas da história deste nosso muito querido e venerado Pinhal. Outras tantas não vir, empolgando ainda mais o espírito dos pinhalenses de seus amigos, que trabalharam e sempre trabalham para o progresso e para o bem estar da cidade. E, por par das festividades populares, pouco restando para o perpetuamento cívico e de reconhecimento às cidadãs que não mais comungam com nossas alegrias e que desamparam em paz a memória como sono eterno! Sim, recordemos deles, apontando-os às gerações, como exemplos de fidelidade e de amor ao lar natal, à cidade que recebeu com carinho e com satisfação!

E pensando nestas homenagens que se sucedem aos nossos eminentes, não nos esqueçamos dos homens da Imprensa do Passado, verdadeiros titãs, propagadores de tão isto que vemos e que a marcha do progresso vem impulsionando de geração em geração. Nenhum manifesto mais merecido, nenhum feito mais tocante do que a estes abnegados soldados da imprensa, que nos trouxeram alicerces na longa estrada para o completo êxito da comunidade de sua missão em terras pinhalenses.

Articula pequinena que sou de nossa profissão tão cheia de orgulho e de surpresa, lembramos aos mentores das comemorações do centenário desta cidade o dever que impõe em não deixar de ser generosos da Imprensa pinhalense: Dr. Thomaz Pacheco Lessa, Laureado de Azevedo Marques, Rio-Vez, Afonso Otaviano de Mota, José Borelli, Vicente de Freitas Guimarães, Flaviano Costa, José Gonçalves Sampaio Junior, e tantos outros, cujas penas sempre trabalharam a serviço da grandeza do município de Pinhal, cujos pendores de independência sempre foram fluidos e comodatos ao pessoalismo da era que passou. Cidadãos que sua missão desampliada, legaram aos seus

sucessores o esforço da vontade e fizeram com carinho e coragem o que nunca se quis fazer com as boas tilizantes de moedas em benefício da coletividade, em favor do torcido amado; em prol dos dias futuros, e cuja herança todos nós destruímos com o coração cheio de satisfação e de agradecimento.

Será, portanto, um justo preito de saudade e mérito à memória desses servíveis da cidade, dessa pilade de quais esquecidos homens públicos. E já que possuímos uma Biblioteca, fruto do patriotismo e de sentimentos carinhosos para com a terra natal de um insubstituível e saudoso filho, difícil não será manifestação de agradecimento aos vultos eminentes da Imprensa Pinhalense do Passado; uma galeria com os seus retratos aos que reconhecidamente prestaram serviços a Pinhal através das colunas de seus jornais, além de outros tantos despendidos no exercício de cidadãos públicos, onde sempre se houveram com elegância, com probidade, com competência e com maior querer ao povo e à terra pinhalense.

Esta galeria só traduzirá o reconhecimento da cidade à Imprensa, propulsora das melhores realizações levadas a efeito neste primeiro centenário de existência. Se esquecidos continuarem, o que não podemos admitir, de seus túmulos, de sua eterna vigília, que é o preço da liberdade, a revolta lhes será o desamparamento, sentindo as palpitações febris da vida a cidade, nos dias comemorativos de seus cem anos de existência.

Não pensamos em nós; falamos em nós. Além dos nomes aqui citados, outros poderão existir que, no momento de se alinhar este pensamento, talvez nos passassem despercebidos e que não, excelsa sejam lembrados para figurar nessa galeria. Será uma das mais significativas comemorações cívicas, da cidade, a centenária da terra natal. Cabe ao Conselho Municipal da Biblioteca "Dr. Vergueiro Cesar" grande responsabilidade nessa participação cívica. Centro em que se difundem o Saber e a Arte, a Biblioteca é o apanágio dos ensinamentos cívicos, alimentando o coração da infância; revigorando a inteligência da

moidade e perpetuando a memória dos velhos. Templo de Cultura e da Inteligência; zimbório das celebridades e do culto ao estudo, nenhum outro local mais apropriado, nenhuma outra instituição mais encrocada para render, em nome da cidade, o seu testemunho de veneração aos jornalistas que nos legaram a estrada larga do saber, bem servindo a sua terra e a sua gente.

Inaugurada que seja a Galeria da Imprensa do Passado, a Pinhal reverenciada e resplandecerá uma divida de gratidão para as páginas fulgurantes de sua história, a mais notável, no capítulo do primeiro centenário de sua fundação. Lançando esta ideia, o fazemos despretensivamente, com o intuito exclusivo de render ao passado a saudade sempre perece dos homens da Imprensa de nossos dias.

Teremos cumprido um dever de patriotismo e de reconhecimento.

Um pequeno pin-go de chuva

ERASTO BORGES DE OLIVEIRA

Nenhum ser humano, que tenha atingido o período da vida em que se reflete sobre as coisas deste mundo, por certo deixou de sonhar com o que gostaria de ser.

Quantas vezes, meus lábios balbucantes de crianças, de olhos arregalados ante a mendicância incerta do futuro, formularem as sempre conhecidas e queridas palavras: "eu queria ser..." Nos lábios trêmulos dos velhos, desses mesmos velhos olhos, o olhar brilhante, hoje olham embalsamados pela saudade o longo caminho percorrido na existência, também encontram a frase querida: "eu queria ser..."

Três palavras formadoras da chave que abre, para nós, a porta invisível do castelo dos devaneios.

Olhando a tristeza da terra calcinada pelo sol de agosto; vendo os ramos nus das árvores amareladas; vendo os olhos melancólicos dos bois se voltarem tristes para a cúpula azul do céu; sentindo em mim a angústia desesperada da natureza que se estorce nas mãos poeirentas da seca, eu desejei ser a mais pequena das coisas: eu queria ser o primeiro ping d'água, caindo de uma nuvem bojudia, na poeira quente de uma estrada velha.

Queria sentir a emoção sufocante do primeiro soldado de um exército, que põe o pé na praça fulminante; queria cortar a atmosfera quente sentindo a espera ansiosa da natureza requemada lá embalado.

E, ao morrer, servido pelos lábios sequiosos da terra, olharia para o alto e veria milhares de companheiros meus caindo do céu como bençãos de Deus! E levava como última lembrança deste mundo, a ramaria verde das árvores adelaideando ao sopro da brisa, cortaria o espaço absorvendo milhares de grãos de poeira e deixaria após um rastro luminoso de pureza.

O trabalho acima, demonstrando fulgurante o lirismo de quem vivia uma vida repleta de ditos momentos, é um marco indelével do moço que habita e habitará sempre o lismo dos nossos corações.

Há quatro anos, na entrada da Primavera, ERASTO BORGES DE OLIVEIRA desapareceu do orbe dos vivos, transladando-se para níveis reclusos, deixando entre nós verdadeiros amigos o matutino noticiário da desesperança, dorida e pranteada.

E hoje... Hoje há o lume tremulo da saudade a lançar a sua luz bruxuleante por sobre as nossas queridas reminiscências!...

EXPRESSIVO E HONROSO TELEGRAMA DO GENERAL CANROBERT

O Exmo. Sr. General de Divisão Canrobert Pereira da Costa, D. D. Ministro da Guerra, a propósito das Festas de Centenário enviou o seguinte telegrama ao Sr. A. B. Machado Florence:

"Rio D. F. Off. 288/15/15/15
Dr. Machado Florence — São Paulo.

Recebi sua amável carta de 12 do corrente pr. Foi para mim um grande prazer corresponder patrióticos anseios do povo do Pinhal pr. Agradeço distinto amigo a oportunidade que proporcionou ao Governo República homenagear-mei justamente populosa referência pr. Atenciosas saudações pr. General Canrobert Ministro da Guerra."

Um agradecimento — A família Dala Mura, por náo intermediação pr. público a sua imorredoura gratidão ao distinto médico, sr. Armando C. E. Mondadori, pr. cariño e dedicação com que tratou de sua querida mãe, sr. Antonieta C. Dala Mura, durante sua enfermidade.

ESTE É O SEU JORNAL!

Uma agradável notícia

Por ocasião da visita dos alunos da Escola Preparatória de Cadetes, 1ª zona cidade, o sr. Ronaldo Sellitto encontrou uma carteira com vários documentos, que acusavam ser do Cadete Wilson Toledo. Enviando-os a este futuro oficial do Exército, recebeu alguns pinhais, a seguinte carta:

"Prezado Senhor.
O fato de ter novamente em mãos a carteira que V. S. encontrou nessa cidade, foi para mim, motivo de grande satisfação, não por ter recuperado um simples valor material, mas sim por ter havido algo que a muito me acompanhava; desde lá os meus eternos agradecimentos.

Depois desta pausa, quero entrar diretamente no assunto, que imagino necessário, tanto como lógico, como também a prioridade de dar expansão aos meus sentimentos.

Creio que V. S. teve uma boa impressão da visita de nossa Escola à vossa bela Pinhal; porém, pode ter certeza absoluta que esta dita visita ficará sempre no coração de todos que aí estiveram, pois justiça seja feita, foi a maior absolvição não apresentada, além do mais foi um exemplo de hospitalidade, educação, alto sentimento patriótico e ainda demonstrado com fãra felicidade a cultura de um povo laborioso.

As minhas palavras aqui traduzidas são as de todos os meus colegas Cadetes, que voltaram impressionadíssimos com tanta bondade e dedicação.

Meu prezado Senhor; mesmo sem o conhecer, já o estimo muito, pois com a educação que recebi dos meus, estes ensinaram-me a respeitar e admirar os honrados. Vossa ação serviu além de tudo mais para elevar o conceito de um povo e de uma cidade no coração de um simples cadete que doravante sempre estará a postos para defender e elevar o nome de "Espírito Santo do Pinhal" e seus filhos os pinharcas da glória e da fidelidade.

Respectuosamente despede-se-a-decido, Wilson Toledo"

Itinerantes

Em dia do mês, em visita às pessoas de sua família, esteve nesta cidade o sr. Valter Reis Teixeira, funcionário do Banco Industrial de São Paulo, que se fez acompanhar de sua ex-mulher, a sra. Maria de Jesus e seu filho, sr. Antônio de Jesus.

Com sua ex-mulher, família, encontraram-se entre nós o sr. Glauco de Melo, técnico da Escola Prática de Agricultura, do Banco Capuana, de Bauri.

Em visita aos seus pais, temos visto o sr. João Roberto R. de Oliveira Mota, advogado na Capital, e que se fez acompanhar de sua esposa, a sra. Maria de Jesus.

— Acham-se na cidade o sr. Francisco Silva Costa e ex-mulher, consorte.

Plantão-Farmácias-HOJE
Americana
P. Moreira Cesar, 129-Tel. 2-2-1
M. J. J. J.
P. da Bandeira, 151-Tel. 1-4-6

CASA BRASILEIRA
Praça Rio Branco, 42 - Telef. 2-9-0
PINHAL — Estado de São Paulo

Papelaria—Artigos finos para presentes
Artigos para pesca em geral
Louças e Ferragens—Artigos para Lavoura

Dr. J. R. Oliveira Motta
— ADVOGADO —
R. Senador Feijó, 29 - 1.º andar
Sala 113 - - SÃO PAULO

UM EPISÓDIO DA ENEIDA, DO LIVRO VI

O sr. Clóvis Leite Ribeiro, catedrático de literatura no Colégio Universitário da Universidade de São Paulo, em notável publicação pela "A Folha da Manhã" em Agosto de 1938, traçou as seguintes linhas, sob o título: — Um metro próprio para a tradução do heuístico: «Veja-mos agora, como exemplo mais extenso para uma impressão de conjunto, traduzido verso a verso, o conhecido trecho da Eneida no qual Anquises mostra a Eúclia, caminhando entre as sombras dos Viduolus ao lado do velho Marcelo de Siracusa, o jovem Marcelo, filho da irmã de Augusto, morto aos vinte anos quando se esperavam dele grandes feitos e parca destinado a sucessão do Império. São versos belíssimos, que seia preciso ser um selvagem para não admirar, diz com razão Salomão Reinach em Cornélius, vérsos em que se exprime uma das mais belas e melancólicas doentes do ritmo do que pela própria significação das palavras, em alguns passos de obscuro e contraditório sentido».

Referindo-se a este trecho, Odorico Mendes, o erudito maranhense tradutor de Virgílio e Homero, em nota ao livro VI, páginas 808 e 810, escreve: «Para comentar este livro seria muito um de filologia e um de história romana; aqui porém não me sinto sem aliar algumas palavras, que a admiração me arranca. Na sua resenha chega afinal Anquises ao seculo de Augusto; e tendo lá pouco falecido o filho de Cláudia, sucessor ao império, o poeta põe na boca do profeta os louvores de Cláudio Marcelo, ascendente do manébo, envolvendo os gaguejos, geito de Augusto, e trata de novo a morte com insinuações delicadas. Que arte! que sublimidade nas imortais palavras Tu Marcellus eris! Em toques semelhantes é Virgílio inconscientemente o primeiro dos poetas; em tais modelos é que os nossos devem aprender os segredos da poesia».

Vejamos como o sr. Clóvis Leite Ribeiro traduziu os versos do Eneida, o livro VI, de 861 a 887.

«E aqui Eúclia, como ao lado então visse avançando
Jovem de músculos esbeltos, não se arrua folgando.
Mas pouco alegre e com o olhar abatido e sombrio:
— Quem é, meu pai, esse que assim o teu olho acompanha?
— E tu fêste ou é de sua estirpe aquele das nuíças néscas?
Des que o circundam, que rumos? Que air de grandeza ha nele?
Mas negra nota o seu lábio, e triste sombra envolve».

Então Anquises respondeu, com lágrimas nascentes:

«E aqui, não poucas devesdes dos teus o ingente luto;
— Esse, o destino unicamente te dá a mostrar a terra.
E há de levá-lo. O deuses, nimia a grandeza romana
Estimulada, se exalta, e os seus filhos os espumantes fúrios!
Quantos gemidos, desde o campo a cidade de Marte,
Hão de se ouvir! Que funerais contemplares, o Tibre,
Ao porfingentes em que o teu olhar se vá debruçar!
Da raça de Iúlio filum algum há de aos avós letais
Tanta esperança dar, jamaiz esta terra de Rómulo
Com tanto orgulho utilar qualquer outro rebanho.
Que piedade! Que entia! Fez! Que destra não invita
Na guerra! Não fúria a espantar ira ao seu encontro,
Sela que armado de avós, e de peço o inimigo
Ou de um coral ferisse a algort os espumantes fúrios!
Ah! Jovem misero! Que deuses te dá de desleques,
Tu Marcelo serás! Traze-me a plenas mãos os lírios,
Que rubras fíres tu espalhe e que sua alma, ao menos
Com essas doas o seu lábio, casim, camplamente.
Um vão dever...»

Bem desearjamos que o distinto catedrático da Universidade de São Paulo se abalançasse a traduzir o poema completo de Virgílio, pois a amostra que nos deu revela a sua profunda compreensão da língua de Cícero.

Assim faríamos mais uma tradução em um metro próprio, como a que nos apresentou o sr. Carlos Alberto Nunes ao publicar a versão completa da Odisseia.

De passagem diria que existem em língua portuguesa seis traduções completas da Eneida: a de João Franco Barreto, em oitavas, a de José Vitorino Feio Barreto, a do dr. Antonio de Lima Leitão, a de Manoel Odorico Mendes, a de Manoel de Carvalho, e outra, em prosa do professor Leopoldo Pereira, da escola normal de Belo Horizonte.

Para que os leitores possam fazer um confronto do trecho traduzido pelo sr. Clóvis Leite Ribeiro com o do nosso poeta maranhense Odorico Mendes, aqui transcrevo o mesmo episódio:

«Risto, Enas descobre um linco mimco
De fulgurante arcos, mas deslegrado,
Néscio e senho caído? Ao varo, padre,
Que acompanha? É filho? É da prosapia
Que labrys? Que século estendoso
Que air de Marcelo tem! Mas note escura
Triste veia e a calva de sua fronte.
Em lágrimas Abus! — Não me inquires
Dos teus o luto ingente: «penas, filhas,
A terra o mostrou, e a terra o deu!
A durar este dom, cretéis, exules,
Nimio pujante a gração romana.
Que ais nos campo vizinho aos Márcios muros!
Ou de que funerais, entre o sepulcro
Receste revelando, o Tibério,
Testimúlio serás! Nenhum recebo
Da gente lílica os avós latinos
Tanto há de esperanças, tanto outro alano
O Rómulo pais factus-se tanto.
Oh piedade! Oh fe física! Oh destra invita!
Ninguém impune o teu destino armado.
Quer a pe remetéscas, quer de expostas
Os do espumante gineite líicas picacas.
Gua! Jovem miserabilis, fados
Se a romper chéris, tu serás Marcelo.
Da-me lá as mancheiras líricas, das me coas;
De espáreas flores cúlame o néscio.
A alma do teu tributo ao menos logres».

A leitura dos versos de Clóvis Ribeiro mostra-nos que cada um se compõe da justa posição escurada de um verso de oito sílabas a um de seis ou, mais simplesmente, de um pentâmetro cujo primeiro heuístico gague tivesse oito sílabas, havendo uma pausa obrigatória na quarta sílaba.

PINHAL, 21-4-39 D. R.

DR. MANUEL DE ALMEIDA VERGUEIRO
E
DR. IVAN BALDASSARI VERGUEIRO
ADVOCACIA EM GERAL
ESCRITÓRIO:
Praça Moreira Cesar, 228 - PINHAL - Telef., 6-5

PINHAL, 25-8-1949

DE ARAÚJO JUNIOR

SOCIAIS

MARIA

os srs.: Paulo d'Arcada, Luiz Reis Teixeira, Benedito Palhares, Virgílio Dionísio Ferreira, Guyano, A. Freire

DIA 30 - as srs.: Maria do Patrocínio V. Daldassari, esposa do sr. Alberto Edmundo Baldassari, José Pazzari Tolentino, esposa do sr. Mario Tolentino; Aurora Barros Silva, esposa do sr. João Inácio da Silva, sr. Luiz Gonzaga Siqueira

DIA 1.º - as srs.: Zilca Mota Florença, viúva do Presidente Alves Florença; Ida Orlando Carucci, consorte do sr. Luiz Carucci; Edna Pereira Nicolson, consorte do sr. Joaquim Nicolson Neto; Antonieta Galiano, consorte do sr. Rafael Galiano

os srs.: João de Oliveira, Primo Bertholdo e Francisco Jacobini.

De assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.

Para cantar-te, como é pobre o exílio!

O artista trema, desfalece o poeta.

Cheme-se Dante, Rafael, Mario.

De um Agostinho. E o gênio incendeia.

Do assombroso filólogo de Aquino. Não bastará, Rainha do Estúlio.